

Diversão & Arte



Uma batalha após a outra, estrelado por Leonardo DiCaprio, em cartaz nos cinemas, tece uma trama com crítica contundente aos valores reacionários

O
F
E
N
S
I
V
A

» RICARDO DAEHN

Com uma reclusão pública e uma qualidade de visão que tem o aproximado do celebrado Terrence Malick (do clássico *Terra de ninguém*), o cineasta Paul Thomas Anderson, indicado a 11 prêmios Oscar, dá sempre, por meio do cinema, o seu recado. O mais recente trabalho, encabeçado pelos atores Leonardo DiCaprio e Sean Penn, é um soco no estômago das ondas reacionárias e do nacionalismo com etiqueta patriarcal: Uma batalha após a outra, recém-chegado aos cinemas.

Em tempos de extremada violência política contemporânea, o mesmo autor de *Sangue negro* julga “inapropriado” surfar na ferocidade do discurso de Trump (que, desavergonhadamente, usa expressões como “lixo democrata”) ou mesmo ficar atrelado a comparativos do filme com o assassinato do ativista Charlie Kirk. “Houve um assassinato horrível. Não acho que possamos vincular fatos com meu filme, uma comédia de ação distanciada da realidade. (Nas falas públicas) estou apenas tentando vender ingressos para um filme de ficção”, observou ao francês *Le Figaro*. Há mais de 20 anos, Paul Thomas tem desenvolvido filmes de época e traz guinada nisso, com a nova produção puxada por calibre grosso de orçamento, U\$ 120 milhões, um montante quase dobrado em relação aos ganhos do mais exitoso filme na carreira: *Sangue negro* (2008), fita que perdeu o Oscar de melhor filme para *Onde os fracos não têm vez*.

Adotando escritos de Thomas Pynchon (que deu base para o longa *Vício inerente*), o também roteirista Paul Thomas (um admirador de Robert Altman e Jonathan Demme) que, recentemente, deu pitacos em enredos de filmes de Ridley Scott e Martin Scorsese, bebeu do compêndio de ações revolucionárias relatadas por Bryan Burrough, em *A era da raiva* (numa livre tradução), na publicação *Days of rage: America's radical underground, the FBI, and the forgotten age of revolutionary violence*. No filme que exalta rebeliões, e examina suas consequências, moldes de atividades de guerrilha setentista ficam demarcados com o terrorismo derivado da esquerda marxista, que resultou em episódios como o sequestro

L
I
B
E
R
T
Á
R
I
A



de Patty Hearst (pelo Exército Simbionês de Libertação) e na célula gestada na Universidade de Michigan e deu alicerce para o grupo Weather Underground. Tudo foi inspiração para o realizador de *O mestre*, entre outros.

Com quê operacional ligado ao famoso *Panteras Negras*, no novo filme, há o grupo French 75, que combate comandos imperialistas e racistas. O sacode proposto no roteiro do longa do mesmo criador de *Magnolia* e *Licorice Pizza* teve prenúncio da atenta veia de espectador cultivada por Paul Thomas Anderson. Ele aponta que ficou motivado pela trama de *O peso de um passado* (1988), de Sidney Lumet. Com pais ativistas, o personagem de River Phoenix (indicado ao Oscar de coadjuvante), Danny Pope, quer se desvencilhar de cátedras e politicagens. “Nossa questão central, na trama, é a mesma: examinamos como as ações e crenças de alguém, na juventude, continuam a assombrar, pelo resto da vida”, avaliou ao *Le Figaro*. Uma seita reacionária que traz figuras deprimentes como Tim (John Hoogenakker) e o asqueroso coronel interpretado por Sean Penn (hilário, quando clama ter sido violentado “ao contrário” por uma mulher) preconiza um mundo “seguro e puro”, que achata tipos judeus e a naturalidade do “sexo inter-racial”.

Na pele de um pai paranoico e imaturo, que diz ter abusado das drogas e da bebida, Leonardo DiCaprio traz brilho extra para Bob, um quase aposentado revolucionário, dotado da verve de um irado Jack Nicholson. Por trás de óculos escuros e vestindo um roupão, DiCaprio faz ecoar a originalidade defendida por Paul Thomas Anderson, autor de longas como *Trama fantasma*. Numa roupagem de ópera, *Uma batalha após a outra* avoluma inventividade, ao tratar de “camaradas” caxias, perseguições políticas, logística revolucionária, imigração, defesas feministas, e regime social em que cidadãos facilmente são “vistos como infratores”.

TRÊS PERGUNTAS // LEONARDO DICAPRIO, ATOR

No set, que dinâmica ajudou na criação do personagem?

O maior presente que um ator pode receber é entrar em um ecossistema no set onde você percebe que já foi colocado um enorme cuidado e pensamento em tudo. Há detalhes como poder trabalhar com pessoas que não são atores e estar em locações reais que ajudam a moldar tudo e integrar você numa cultura inspiradora. É especial poder focar, simplesmente, no contar a verdade do seu personagem e ouvir quem está ao seu redor. Paul (Thomas Anderson, diretor) criou isso, incrivelmente. O filme tem muito pensamento por trás. Tem tantas reviravoltas inesperadas que ele praticamente criou um universo próprio. Ele criou um universo à la *Star Wars*. O filme foi realmente feito para ser uma experiência cinematográfica.

O que te interessou no roteiro?

Antes de mais nada, quando Paul Thomas Anderson te chama para um projeto, você diz sim, primeiro, e, depois, lê o roteiro. Ele criou mundos tão únicos que você se sente imerso neles, e neste caso, eu amo filmes que têm um enorme nível de reflexão por trás, que têm camadas, que são imprevisíveis por natureza. Paul começou a escrever isso há 16, 17 anos, e ainda assim é tão atual em relação ao mundo em que vivemos. Há envolvimento e diversão, junto com forte carga de humanidade. Eles são personagens falhos, que estão tentando encontrar seu caminho em um mundo de extremos. E, de novo, não é exatamente uma “questão” que ele está tentando resolver, mas ele está, no fim das contas, segurando um espelho diante da sociedade atual, do mundo em que vivemos. Há personagens muito humanos, reais, com os quais todos podem se identificar.

O que você descobriu, ao interpretar cenas de humor e dor, numa esfera mesclada?

Bom, o riso veio meio que naturalmente. Você tem esses arquétipos tradicionais, aqueles clichês que criam certas expectativas sobre um personagem. Um homem vindo do mundo da espionagem, um revolucionário: você espera que ele tenha todas as respostas de como ser pai e de como recuperar a filha. Mas ele coloca esse personagem numa situação muito real, em meio a discussões. Ele pretende se conectar com a nova geração, quer ser um bom pai, mas eles não se entendem. E há ideias que quebram as expectativas criadas em torno de heróis tradicionais. Junto a erros, ele persiste, se tornando heroico. Ao chegarmos em momentos muito dramáticos ou heroicos, o diretor propunha outra direção. Essa decisão culmina numa cena muito poderosa entre pai e filha. E o heroísmo dele está justamente no simples fato de estar ali, presente.

UNIVERSO À LA STAR WARS

» MARIANA REGINATO

A caracterização “orgânica” de Leonardo DiCaprio, em *Uma batalha após a outra*, no qual interpreta um paranoico, somou demais, na avaliação de Paul Thomas Anderson, atento a cada gesto dos atores: “Eles (atores) sabem o que melhor serve à história, à câmera e aos seus parceiros”. Fator pra lá de cômico na telona, DiCaprio entusiasmou em cheio o diretor, que elogiou: “Se (ele) nos faz rir, é um ótimo sinal”. Em coletiva internacional, Leonardo DiCaprio falou sobre *Uma batalha após a outra*.

